

bados que foram pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Nacional. A entrada é controlada, paga-se ingresso, dez cruzeiros por pessoa, e a visita só se faz em companhia de um guarda, eis que os turistas estavam destruindo blocos e inscrições rupestres. Com a melhoria de alojamento, o local será um dia de intensa visitação.

Ao concluir, direi que jamais esquecerei os agradáveis dias de atividade intelectual e turística passados no Piauí. Sou grato ao governador Djalma Veloso, ao secretário Joaquim Bezerra, ao presidente Tito Filho e aos numerosos amigos que adquiri na terra do verde.

*

PRÁTICA LIBERAL E CRÍTICA REALISTA EM TAVARES BASTOS

José Octavio
(da Univ. Federal da Paraíba)

“No sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitas pessoas estavam lá. E quando o ouviram ficaram admiradas e perguntavam: De onde lhe veio tudo isso? Como conseguiu tanta sabedoria? (...) E ficaram escandalizados com ele. Então lhes foi dito: Um profeta é desprezado somente na sua terra, entre os seus parentes e na própria família (...) Ele mesmo ficou admirado com a incredulidade daquela gente. E percorria as aldeias dos arredores, ensinando”.

O trecho acima, extraído de evangelho de Marcos, conduz-nos, por associação de idéias, a Tavares Bastos, cuja obra, incluindo a sólida biografia de Carlos Pontes, e também o livro-manifesto **A Província**, vem de ser, ao ensejo do centenário de sua morte, oportunamente reeditada, dentro da política de coedições do Instituto Nacional do Livro, preconizada pelo ministro Jarbas Passarinho e tão bem ampliada por seu sucessor Ney Braga.

Minha paixão por Tavares Bastos, objeto de agudas considerações de, entre outros, Néelson Saldanha, em sua **História das Idéias Políticas no Brasil** (pp. 204/8), e José Honório Rodrigues, no discurso de posse na ABL, a 5/12/69 — data de longe. Quando, em Recife, perfiz curso com algumas alagoanas, confessei-lhes, lealmente, não me conformar com a denominação “Terra dos Marechais”, emprestada a Alagoas, menos ainda com uma placa situada à entrada de Maceió — “esta é a terra de Ladislau Netto”. Para mim, Alagoas será sempre a terra de Tavares

Bastos. E, em fins da década 60, quando sob inspiração de um grande amigo, José Medeiros Vieira, e direta influência de um livro maior — **Presença de Alberto Torres**, de Barbosa Lima Sobrinho — me decidi por uma reorientação de estudos, emprestando-lhes sentido de mais íntimo relacionamento com a problemática brasileira, travei com José Leal, diálogo que o tempo não apagou:

— Fui convidado para uma palestra sobre a Proclamação da República, mas penso em escrever algo diferente. Que tal focalizar Alberto Torres ?

— É justo. A República e o pensamento brasileiro nasceram com ele.

— E Licínio Cardoso ?

— Foi discípulo de Alberto. Era o sábio de sua geração.

— E Tavares Bastos ?

— Ah ! Esse madrugou ! . . .

Madrugou, sim. José Honório, sempre tão **enfático**, condição aliás discretamente observada por Barbosa Lima Sobrinho, no discurso com que o recebeu, na ABL, cunhou a respeito do autor das **Cartas do Solitário** palavras inesquecíveis: “Não posso entrar neste momento no exame das influências românticas e liberais que formaram o espírito de Tavares Bastos, o mais sistemático e o mais lúcido pensador político que o Brasil já produziu. (. . .) Nesta obra, Tavares Bastos se revela o maior pensador político que o Brasil já conheceu, comparado em termos relativos a seus antecessores, contemporâneos e sucessores (. . .). Desculpe-se a Nabuco a apologia de seu Pai, grande entre os raros grandes. Mas revelador doutrinário, na obra escrita, nenhum se compara a Tavares Bastos”. Já Raul Lima, em estudo algo débil, sobretudo se considerarmos o nível da coleção em que se insere, a série **Nossos Clássicos**, da Agir, não sei porque interrompida, foi à essência da questão quando sentenciou: “Serviu-se da prosa como de um instrumento de trabalho, de catequese, de doutrinação, de propagação de idéias, sem artifícios, para dilatar na vida pública a influência que exercera no meio estudantil e literário.”

Dentro desse quadro, é evidente que seu biógrafo não poderia pensar diferente. Não se pense, porém, que o volume 136 da coleção **Brasiliana**, agora reeditado — **Tavares Bastos**, de Carlos Pontes — reveste-se de feição apologética, como infelizmente se tornou moda nas biografias, entre nós. Escritor ao que tudo indica de uma obra só, o maior, re-

conhecimento que se pode votar ao Sr. Carlos Pontes reside na serena objetividade de seu ensaio em que, malgrado algumas invocações mitológicas, que aparecem no texto por força de expressão (pp. 15, 87, 135, 175, 182), Tavares Bastos, estudado, aliás, de forma criteriosa, e em conexão com o quadro político-institucional de seu tempo, não desponta como herói, titã ou semideus. De permeio, pois, aos perfis que soube fixar em relação a Teófilo Ottoni (p. 69), Antonio Carlos (p. 31), Saraiva (“Ave de vôo curto, sabendo bem onde pousar” — p. 109) Martinho Campos (p. 116), Zacarias (158) e Lafayette Rodrigues Pereira (pp. 167/8), Carlos Pontes encontrou palavras exatas para, sem retoricismos superabundantes, reduzir Tavares Bastos a suas justas proporções, de estudioso dos problemas nacionais, que em seu tempo ninguém excederia, e animador de grandes campanhas:

“Tavares Bastos não abordava questões, isoladamente, ao gosto dos incidentes do dia. O raio do seu exame alcançava-as em conjunto, articuladas num corpo de organização nacional. Os problemas enfeixavam-se num único problema: o progresso e a grandeza do Brasil. (. . .) Acima dos partidos, interessava-lhe a força das idéias” (p. 94 e 78).

Quando Tavares Bastos nasceu, em 1839 — sigamos aqui a linha expositiva do Sr. Carlos Pontes — o Brasil atravessava situação bem específica. Desde a Revolução de 1831 que uma rajada de liberalismo radical perpassava pela nação, mas a partir de 1837, com o regresso, o pêndulo começava a inclinar-se na direção contrária.

Para os conservadores, articulados em torno de Bernardo Pereira de Vasconcelos, tratava-se de prestigiar as forças da ordem e todos sabemos o que isso significa. Nas Alagoas, pretextando estéril disputa entre Alagoas (hoje Marechal Deodoro) e Maceió, pela sede da província, os defensores do “Status quo” se impunham com Sinimbu, “descendente de velhos caudilhos sertanejos, inteligente e sagaz”, significando sua ascensão (p. 15 e ss.), um freio às pretensões dominadoras de José Tavares Bastos, jurista, também político, e pai de Aureliano.

A disputa entre “lisos” e “cabeludos” que se seguiu, tendo por palco a velha província das Alagoas (p. 35 e ss.), não assume sentido meramente acadêmico nas páginas do Sr. Carlos Pontes. Dentro dela, absolutamente afinado com os tumultos da transição Regência-

Segundo Reinado, repontaria um fermento novo, representado—estabelecia-se então (p. 41 e ss.) a Cabanada alagoana ! —, pela desconexa irrupção das massas, centradas em torno do bandido Vicente de Paula, senhor das matas do Jacuípe. Como seu estudo é primitivamente de 1938, Carlos Pontes não poderia alcançar entendimentos somente condensados em nossos dias. Essa questão do “banditismo social” magistralmente analisada pelo historiador inglês Eric Hobsbawn em **Rebeldes Primitivos**, é de aprofundamento muito recente, mas, em prol do ensaísta alagoano, diga-se que, em seu relacionamento com o carbonarismo da Calábria (p. 41), Carlos Pontes desenvolveu com segurança tema apenas anteriormente prefigurado por José Américo em **A Paraíba e seus Problemas**.

Essas lutas que lhe marcariam o berço, enchendo de glórias e desesperanças seu velho pai, teriam exercido alguma influência sobre Aureliano Cândido Tavares Bastos? — A resposta oferecida por Carlos Pontes se faz afirmativa, eis que, mirando-se por **oposição**, no exemplo do pai e de Sinimbu que, aliás, num rasgo de generosidade lhe daria a mão (p. 66), Tavares Bastos curou-se de todo das seduções da politiquice de campanário em que se comprazem os espíritos menores, incapazes de transcender as limitações do tempo:

“Do espetáculo de tais ambições, em que se estadeava a ferocidade dos clãs, ficara-lhe certamente aquele horror sagrado, que votou sempre a essa política inferior, tão bem limada no Brasil, e contra a qual já homem lançaria a sua condenação: “Desprezo esta infernal intriga de aldeia elevada à dignidade de política.” “A ostentação do ódio político é a mais desanimadora enfermidade de um povo” (...) As violências de um subdelegado, a remoção de um juiz municipal, tomavam proporções dramáticas, e o bate-boca irritado comia as horas... O que para eles se afigurava um mundo, para Tavares Bastos certamente seria um grãozinho de areia. Viera com outro destino: teria alguma coisa de novo a anunciar aos homens e aquele espetáculo o desolava...” (pp. 54 e 68).

Data daí, por certo, sua precocidade. Bacharel em Direito aos dezenove anos e doutor aos vinte, Tavares Bastos, membro de uma geração integrada por, entre outros, Ferreira Viana, Lafayette Rodrigues Pereira, o segundo Antônio Carlos, Couto de Magalhães, Homem de Melo e Silveira Martins (p. 55), ainda estudante, fascinava São Paulo pela precisão de seus conceitos debruçados sobre a realidade brasileira.

Seu tema? — Simplesmente a educação, já aí apresentada como “um problema nacional, uma questão de hoje e de ontem, do rico e do pobre, do pensador e do estadista, da tribuna e da imprensa” (p. 61). A ela, Tavares Bastos, máxime nas **Cartas do Solitário** tanto voltaria que, em **O Brasil no Pensamento Brasileiro**, Djacir Menezes o situaria como educador, ao lado de Anísio Teixeira, Júlio Ibiapina, Francisco de Campos e Fernando de Azevedo. A colocação não me passaria despercebida: em Recife, disse de certa feita a Itamar Vasconcelos que a educação seria mais uma questão de engenharia social e filosofia política que de pedagogia aplicada. Quando assim falava, era Tavares Bastos que me acudia o espírito...

Motor de idéias e disposição renovadora, como bem poderíamos classificá-lo, o caminho de Tavares Bastos haveria de ser a política, o parlamento, ambos considerados instrumentos para concretização de seus ideais.

Nesse particular, o destino que contra ele tanto conspiraria — a princípio vedando-lhe lugar no ministério (p. 159), e, posteriormente, consumindo-o aos trinta e seis anos! — favoreceu-o um pouco. É que o ano de 1860, assinalando sua primeira deputação por Alagoas, infundiria alma nova ao modorrento espírito do conservadorismo imperial. Esgotado o modelo de conciliação política implantado na década anterior pelo gabinete Honório Hermeto, do qual derivara, “como um dos últimos lampejos do Ministério Ferraz”, a chamada Lei dos Círculos, inserida dentro da qual “o alargamento dos círculos eleitorais traduzia-se por certa restrição ao poder dos chefes locais, em benefício de um critério mais alto” (pp. 64/65) —, o liberalismo, em sua feição mais dinâmica, porque urbana e radical, ressurgia com todo o ímpeto. Expressão disso foram, sem dúvida, o estrepitoso reaparecimento de muitas figuras que vinham das arremetidas da “era da fumaça” e da Praieira, bem como a marcante vitória alcançada pela trindade liberal Francisco Otaviano, Teófilo Ottoni e Saldanha Marinho, em pleno Rio de Janeiro, onde ressurgia, em grande estilo, respondendo à Fala do Trono, da tribuna do parlamento, (p. 69), o velho campeão Teófilo Ottoni, tido por Afonso Arinos como a maior figura da época.

Em termos políticos, Tavares Bastos fará seu aparecimento no momento crítico desta virada histórica. O que nos conduz a uma pergunta inevitável: integrante, ao lado de seu amigo Francisco Otaviano, da ala mais consciente do Partido Liberal, seria Tavares Bastos, do ponto de vista ideológico, um liberal ?

A pergunta impõe considerações mais amplas. De marcadas origens rurais, aqui na Paraíba bem salientadas pelo professor José Nico-demus, o liberalismo brasileiro, fazia-se não só muito contido, talvez mesmo reacionário, através de visíveis preconceitos de classe, como também profundamente contraditório, no sentido de que dentro dele caberão, em estranha mixórdia, o radicalismo de Torres Homem e o ultramontanismo de Zacarias, o populismo de José Mariano e o escravismo de Martinho de Campos, as inspirações socializantes de Joaquim Nabuco e o aristocratismos germanizante de Tobias Barreto, o industrialismo de Teófilo Ottoni e o agrarismo feudalizante de Diogo Antônio Feijó.

Diante de tudo isso, é que Tavares Bastos seguirá caminho próprio. Na verdade, embora membro do Partido Liberal, ele estava **além** do liberalismo da época — sua discussão e rompimento com Zacarias (pp. 160/1), comprová-lo-á sobejamente. De resto, possuidor de temperamento calmo e refletido, (p. 87), embora imbuído da ardência do apostolado que professava, Tavares Bastos não era um carbonário (p. 196). Qual, então, a extensão de seu liberalismo ? — Responde-o, apropriadamente, o Sr. Carlos Pontes:

“O seu liberalismo não era um liberalismo formal e sim, prático e oportuno. Não se lhe constringia o pensamento dentro de cânones irredutíveis. Ele próprio o proclamara: “As opiniões que professo são exclusivamente minhas. O código das minhas idéias promulgou-o um legislador: a observação. Alimento-as isento de preocupações históricas; professo-as sem prevenções políticas. Vosso amigo não é um liberal, não é um puritano, não é nada disso, e é tudo isso. É um homem sem afinidades no passado e isolado no presente.” (. . .) Sendo uma vocação liberal, o seu liberalismo jamais deixou de revestir-se de um sentido prático e oportuno. Isso, o que o distinguia entre os homens do tempo” (pp. 95 e 146).

Refratário, por isso mesmo, à rotulagem pomposa dos grupos de **progressistas, históricos** etc. (p. 102), em que se estiolava a verbosidade imperial dos Ministérios “das Capacidades”, “das Águias”, “dos Velhos” e quejandos, o que não faltava a Tavares Bastos era um sólido preparo, haurido em leituras longas e meditadas. Sendo os Estados Unidos a sua paixão — mas veja-se que os Estados Unidos do século XIX representavam modelo de renovação e democracia, donde a absoluta improcedência das acusações levantadas contra **O Solitário**, pela professora Nícia Vilela Luz, em seu estudo **A Amazônia Para os Negros Americanos** — , é

admirável o paralelo que lhe cabe traçar, em tema que o Sr. Vianna Moog retomaria em nossos dias, entre o progresso dos Estados Unidos, impellido por espírito libertário e isento de peias, e o atraso do Brasil, como herdeiro das minuciosas regulamentações de absolutismo colonializante e reacionário, formulado por Portugal. Melhor do que isso, em Tavares Bastos, só mesmo a correta observação a que procedeu a respeito dos desastrosos efeitos da perseguição movida pela Inquisição contra a industriosa classe dos judeus (p. 70) — depois dos pioneiros estudos de Antônio Baião, a Inquisição só seria recolocada no seu papel de arma de classe manipulada pela nobreza feudal por Cecil Roth, em estudo hoje clássico.

Partidário, assim, de um federalismo não apenas político mas espiritual, sendo necessário insistir na tese de que, no Brasil, foi o desenvolvimento da idéia federalista que precipitou a República, donde as conotações republicanizantes de seu pensamento —, para Tavares Bastos não havia assuntos proibidos. Data daí a firmeza, embora sempre elevada, de suas críticas à Marinha e Exército da época (pp. 79/81), ao enxergar na primeira “a imprestabilidade e anacronismo de grande parte de seu material”, e no último os malefícios de “um recrutamento forçado, vexatório e sem base” (é pela conscrição) —, além de se impor a redução dos efetivos, como nos EE.UU. e antiga Roma.

Com o Exército não houve problemas, Caxias, então no auge, fazia-se soldado exemplar e cidadão da tolerância e da compreensão. Foi diferente, porém, com a Marinha. Expressão do carrancismo imperial, avultaria em cena a figura do futuro Visconde de Inhaúma, que Carlos Pontes apresenta como “marinheiro inteligente e áspero”, mas na verdade um energúmeno, para tachar Tavares Bastos (p. 87), como “a imagem ridícula de um sagüi, domesticado pela mais devassa meretriz das ruas de Maceió”, isto após demiti-lo do cargo de oficial da Secretaria da Marinha (p. 82).

Polemista sereno mas igualmente habituado à luta, donde as posteriores refregas travadas contra Martinho de Campos (p. 116), Martin Francisco (p. 157) e Zacarias de Góies e Vasconcelos (pp. 160/1), tendo sido Tobias Barreto, ao que tudo indica, por desconhecimento das opiniões deste (p. 183), o único a ficar sem resposta —, será fulminante a réplica (Carlos Pontes considerá-lo-á **vingança**), de Tavares Bastos. É que, exatamente aí, o jovem alagoano, já responsável pela rara penetração do opúsculo **Os Males do Presidente e as Esperanças do Futuro** (p. 69 e ss.), cunha um

dos mais altos momentos da crítica político-institucional do Brasil, no século XIX, as célebres **Cartas do Solitário**, cujo exato alcance seu biógrafo precisou sem meias palavras:

“Os males da centralização, a franqueza dos grandes rios e a abertura do Amazonas, a liberdade de culto, a sorte dos africanos livres e o tráfico dos negros, a instrução popular, o ensino profissional e técnico, o aperfeiçoamento da agricultura e sua expansão, as franquias econômicas, em que se manifestam o liberalismo e o patriotismo do Solitário, estremes de resíduos demagógicos e de convenções farisaicas, se traduzem como a própria consciência das necessidades da pátria” (p. 101).

A citação é importante por refletir não apenas o obsoletismo da estrutura imperial, cujas peças Tavares Bastos desmonta uma a uma, como também porque delinea os rumos da obra do imenso pensador alagoano.

Aludindo à centralização, Tavares Bastos levantou-se contra o imperialismo, expressão que os liberais reservavam para criticar os excessos do Poder Moderador e a asfixia das províncias, tolhidas por despótico centralismo — nasciam aí os fundamentos de outra grande obra de Tavares Bastos, **A Província** (p. 175 e ss.). Ao pleitear a abertura do Amazonas à navegação internacional, Tavares Bastos não apenas prefigura **O Vale do Amazonas** (p. 132 e ss.), que é de 1866, como acentua as contradições do Império que se batia de armas na mão pela internacionalização do Prata, fechando o Amazonas a todo e qualquer surto de progresso. Uma das providências que pleiteava veio a ser concretizada em nossos dias — a criação da zona franca de Manaus ! (p. 140).

Se, ao pedir a liberdade de culto, Tavares Bastos prevenirá toda extensão da Questão Religiosa, na verdade um dobre de finados para o regalismo pombalino-braganção da Coroa, ao insurgir-se contra a escravidão, sem sentimentalismos mas com a clara objetividade de um cientista social, Tavares Bastos situar-se-á na mesma linha de José Bonifácio (p. 154), para quem a gradual erradicação do escravismo impunha providências correlatas no terreno da disseminação do trabalho livre pela imigração, preparo de mão-de-obra pelo ensino especializado, e melhor utilização das terras, por sua redistribuição.

Profeta, pois, como o Cristo saindo da casa de Jairo, Aureliano Cândido Tavares Bastos terá sido. Ao Brasil cabe, pois, não apenas festejá-lo, mas tomar consciência dele e, onde possível, segui-lo . . .